

## A PERSONAGEM FEMININA DE *KONJAKU MONOGATARI* – A JUVENTUDE E A DECREPITUDE

*Luiza Nana Yoshida*

“Uma mulher submissa e frágil” parece se constituir ainda a definição mais comum sobre a mulher japonesa. Sabe-se, no entanto, que essa submissão e fragilidade refletem apenas uma tendência comportamental ditada em certas épocas da história japonesa, quando o sistema social cobrava da mulher um determinado padrão de comportamento. A identificação do povo japonês com a figura do samurai – valente guerreiro da espada e do haraquiri – que dominou o Japão por quase sete séculos (séculos XII – XIX), talvez seja um dos grandes responsáveis pela consagração dessa imagem.

Na época feudal japonesa não existia, pelo menos oficialmente, um espaço social para a mulher, já que se tratava de uma sociedade essencialmente centrada no poder masculino. Numa época em que o poder era medido pela força militar e pela extensão das propriedades, a figura masculina adquire suma importância, não só por sua força física, mas também porque a herança que era dividida igualmente entre todos os filhos até aproximadamente o século XIV<sup>1</sup>, passa a privilegiar apenas o primogênito, evitando, assim, o esfacelamento das propriedades e o conseqüente enfraquecimento do poder econômico.

O privilégio adquirido pelo primogênito de herdar o nome e o feudo traz como conseqüência uma enorme incumbência à mulher: a de gerar um filho homem para dar continuidade à linhagem da família. E ela passa, assim, a ser praticamente um instrumento para dar um herdeiro à família.

1. Kôko Sanpei, *Nihonno Josei*, Tóquio, Mainichi Shinbunsha, 1957, p. 39.

A idéia de que a mulher deve subordinar-se ao homem é reforçada ainda pelo budismo, que influenciou os grandes governantes do antigo Japão, e pelo pensamento do *ryô sai kenbo*, literalmente “boa esposa e mãe sábia”, ou seja, a mulher devotada exclusivamente ao lar, que advém com a Reforma Meiji, em 1868.

Ao analisarmos, porém, o desempenho da mulher japonesa no decorrer da História, verificaremos a sua importância significativa.

No plano social e político, por exemplo, podemos destacar, inicialmente, aquela que é considerada a primeira governante do Japão, a rainha Himiko. Na crônica chinesa *Gishi Wajinden*, compilada no século III, aparece pela primeira vez um registro sobre o Japão, denominado ainda país de Yamatai. Diz a crônica que Yamatai era governado por uma soberana chamada Himiko.

*Kojiki* e *Nihon Shoki*, compiladas no século VIII e consideradas as mais antigas crônicas do Japão, fazem o relato desde o Japão mitológico até, no caso de *Kojiki*, a era da imperatriz Suiko (33ª imperatriz) e, no caso de *Nihon Shoki*, a era da imperatriz Jitô (41ª imperatriz). Conforme o relato mitológico, o Japão, criado pelo deus Izanagi e sua esposa Izanami, tem curiosamente como uma das suas principais divindades a deusa Amaterasu Ômikami, a deusa do Sol, nascida do olho esquerdo de Izanagi. Diz-se que todos os imperadores japoneses são descendentes diretos de Amaterasu Ômikami.

Não se pode deixar de mencionar também que o Japão teve, em tempos passados, seis imperatrizes (duas delas já citadas acima). São elas:

Suiko	33ª imperatriz	592	628 <sup>2</sup>
Kôgyoku*	35ª imperatriz	642	645
Saimei	37ª imperatriz	655	– 661
Jitô	41ª imperatriz	690	– 697
Genmei	43ª imperatriz	707	– 715
Genshō	44ª imperatriz	715	– 724
Kōken*	46ª imperatriz	749	– 758
Shōtoku	48ª imperatriz	764	– 769

No campo cultural, a contribuição feminina foi inegável e decisiva para o desenvolvimento de uma literatura distintamente nacional – em oposição à literatura sob forte influência chinesa de até então – ocorrido após o surgimento do silabário *kana*, no século X. As obras clássicas como *Genji Monogatari*, *Manyô Shû*, entre outras, são criações das mulheres que viveram no remoto Japão da era Heian (século VIII-XII).

2. Cf. época do reinado em Sakamoto, em *Tarô – Nihonshi Shōjiten*, Tóquio, Yamakawa, 1985.

A imperatriz Kōgyoku ascende novamente ao trono com o nome Saimei, assim como a imperatriz Kōken reina pela segunda vez com o nome Shōtoku.

O presente trabalho tem por objetivo analisar de que forma a mulher marca sua presença como personagem, na obra *Konjaku Monogatari*, uma coletânea de narrativas clássicas do século XII.

Antes de iniciarmos o estudo, cabe lembrar que limitamo-nos a analisar as personagens femininas encontradas nos volumes 22 a 31 de *Konjaku Monogatari*, que correspondem à seção de narrativas seculares japonesas, já que não pretendemos abordar aqui as narrativas de cunho budista. Dentre as personagens dos citados volumes, restringimo-nos a trabalhar com as personagens que se enquadrassem perfeitamente ao tema proposto: juventude e decrepitude. Assim sendo, fizemos em primeiro lugar o levantamento das narrativas em que se encontravam personagens femininas (98 narrativas). Dentre essas, escolhemos as personagens que pudessem ser classificadas conforme o binômio jovem/idosa. Foram enquadradas nessa classificação somente as personagens que apareciam com os qualificativos “jovem” ou “idosa”, e optamos por não trabalhar com idades por acharmos difícil traçar um limite etário (até que idade seria considerada jovem ou a partir de que idade seria considerada velha na época?).

Para indicar “jovem” encontramos a expressão *wakaki* e para indicar “idosa” encontramos duas expressões, *toshi oitaru* e *ouna*. Essas expressões aparecem nas seguintes narrativas:

História 9/volume XXIV – *Sobre o fato de um médico curar uma jovem violada por uma cobra.*

15/XXVII – *Sobre a jovem que deu à luz em Minami Yamashina e foi perseguida por um ogro.*

23/XXVII – *Sobre uma mãe idosa que se transforma em ogro e tenta devorar os filhos.*

33/XXVII – *Sobre o homem que vê uma estranha luz sobre o Portal Ôten.*

18/XXIX – *Sobre o ladrão que vê cadáveres no Portal Raseimon.*

39/XXIX – *Sobre a cobra que, excitada ao ver as partes íntimas de uma mulher, sai da sua toca e acaba sendo morta.*

9/XXX – *Sobre o fato de abandonar a tia nas montanhas de Shinano.*

1/XXXI – *Sobre a monja do templo Fujiodera de Higashi Yamashina que ergueu um novo santuário a Hachiman.*

30/XXXI – *O governador de Owari,  <sup>3</sup>, que enviou uma pessoa para Toribeno.*

31/XXXI – *Sobre uma velha que vendia peixe no acampamento dos seguranças.*

Conforme a classificação jovem/idosa, essas narrativas podem ser agrupadas da seguinte maneira:

3. As omissões, representadas pelos espaços brancos, são constantes em *Konjaku Monogatari* e podem ter várias explicações, tais como: impossibilidade de leitura devido à ação corrosiva ocorrida nos originais, desconhecimento por parte do compilador ou omissão voluntária.

jovem	idosa
9/XXIV ( <i>wakaki</i> )	15/XXVII ( <i>oitaru/ouna</i> )
15/XXVII ( <i>wakaki</i> )	23/XXVII ( <i>toshi oitaru</i> )
39/XXIX ( <i>wakaki</i> )	33/XXVII ( <i>toshi oitaru</i> )
	18/XXIX ( <i>ouna</i> )
	9/XXX ( <i>toshi oitarikeru</i> )
	1/XXXI ( <i>toshi oitaru</i> )
	30/XXXI ( <i>toshi oite</i> )
	31/XXXI ( <i>ouna</i> )

*A Juventude*

Trataremos das personagens *wakaki omna* presentes nas seguintes histórias:

9/XXIV – *Sobre o fato de um médico curar uma jovem violada por uma cobra.*

Uma jovem é violada por uma cobra, mas graças a um médico, consegue eliminá-la juntamente com os filhotes que já haviam sido gerados no seu ventre. Três anos depois, no entanto, ela é novamente violada e acaba falecendo.

15/XXVII – *Sobre a jovem que deu à luz em Minami Yamashina e foi perseguida por um ogro.*

Por ser ainda solteira, uma jovem resolve ter o filho em segredo, longe da cidade, no meio da mata. Dá à luz numa velha casa em ruínas, ajudada por uma velha que aí morava. A velha mostra-se muito amável, a princípio, mas suas atitudes suspeitas levam a jovem a desconfiar que se trata de um ogro. Ela foge, então, apavorada, levando a criança.

39/XXIX – *Sobre a cobra que, excitada ao ver as partes íntimas de uma mulher, sai da sua toca e acaba sendo morta.*

Uma cobra viola e hipnotiza uma jovem que se agachara num muro para urinar. Ela mantém-se nessa posição por um longo tempo, e um homem, percebendo o que acontecera, mata a cobra com a sua espada.

As histórias 9/XXIV e 39/XXIX têm em comum jovens que foram violadas por cobras. A união entre uma jovem e uma cobra é um tema encontrado na tradicional lenda de Miwayama – inserida em *Kojiki* – onde a figura do deus-cobra Ômononushinokami toma a forma humana e visita, todas as noites, a princesa Ikutamayorihime.

Diferentemente, porém, da lenda de Miwayama, de natureza mitológico-religiosa, nas narrativas de *Konjaku Monogatari* a união entre a jovem e a cobra

deixa de ser sagrada, sendo a princesa substituída por jovens anônimas e Ômononushinokami pela cobra que perde por completo o seu caráter religioso ou antropomórfico e se apresenta sob a sua forma original.

Tanto em 9/XXIV – *Sobre o fato de um médico curar uma jovem violada por uma cobra*, quanto em 39/XXIX – *Sobre a cobra que, excitada ao ver as partes íntimas de uma mulher, sai da sua toca e acaba sendo morta*, a união é caracterizada pela unilateralidade, pois não existe qualquer participação ativa das jovens. A perda de consciência por parte das duas jovens, durante a união, indica a sua total submissão. Elas tornam-se, desse modo, mero instrumento, através do qual obtém-se a satisfação sexual ou se realiza a procriação.

A cobra, neste caso, não precisa transformar-se num formoso jovem, como Ômononushinokami, pois representa um mero animal sexual, somente à procura de sua “fêmea procriadora”, função essa desempenhada pelas jovens. E a eliminação da cobra, através da força humana, indica a sua vulnerabilidade diante do homem que se defronta com um rival totalmente destituído dos seus poderes sagrados ou metamórficos.

Ainda com referência ao mesmo tema – união jovem/cobra – cabe lembrar que existe em *Konjaku Monogatari* uma outra história, 34/XXXI – *Sobre o túmulo do hashi<sup>4</sup> do país de Yamato*, que se constitui numa variante da lenda de Miwayama. Uma princesa recebe, todas as noites, a visita de um jovem a quem acaba se entregando. Não conhecendo a sua identidade, a princesa pede ao rapaz que lhe revele o nome e de onde é, como prova de amor. Ele diz então à princesa que no dia seguinte espiasse o seu pote de óleo para cabelo, mas que em nenhuma hipótese ela ficasse atemorizada, pois, caso contrário, ele sofreria sérias conseqüências. Assim procedendo, a princesa pega o seu pote e, esquecendo-se da promessa, solta um gripo de terror e foge aterrorizada, jogando o pote no chão. Ela encontrara ali uma minúscula cobra. Nessa mesma noite, o rapaz aparece para despedir-se, pois ela quebrara a promessa. Quando ela tenta detê-lo, o rapaz introduz um *hashi* na sua parte íntima, matando-a. O seu túmulo fica conhecido como o túmulo do *hashi*.

Apesar de possuir o mesmo tema das narrativas anteriormente tratadas, não incluímos a presente história entre as que serão tratadas sob o enfoque juventude/decrepitude, pois não existem patentes na história as marcas *wakaki* ou *toshi oitaru* que nos permitam classificar a personagem em “jovem” ou “idosa”. A personagem da história em questão aparece citada como *musume* (filha) e *onna* (mulher), utilizadas distintamente da seguinte forma:

*Imawa mukashi* [ ] *tennôto môshikeru mikado hitorino musume owashikeru.* 34/XXXI – *Sobre o túmulo do hashi do país de Yamato.*

(Antigamente, um soberano chamado imperador [ ] possuía uma filha.)

4. *Hashi*: palitos utilizados como talheres por alguns povos da Ásia.

Embora a palavra *musume* possua dois sentidos, “filha” e “jovem”, fica evidente na introdução acima que, na presente narrativa, o primeiro sentido é o que melhor condiz com o contexto. Cabe ressaltar, no entanto, que encontra-se imbuído nela o sentido de “jovem”, se considerarmos a sua utilização junto a *omna*, na segunda parte da narrativa.

A personagem é citada como *musume*, na primeira metade da história, enquanto filha do imperador, mas a partir do momento em que torna-se íntima do jovem, o seu tratamento passa a ser *omna*. Essa mudança de tratamento mostra-se bastante significativa, pois vem confirmar o fato de que a mulher só “é mulher” ou “torna-se mulher” com a prática do ato sexual e/ou a procriação, como é o caso da história que trataremos a seguir.

15/XXVII – *Sobre a jovem que deu à luz em Minami Yamashina e foi perseguida por um ogro*, é uma história onde todas as personagens são mulheres: *wakaki omna*, a jovem grávida, *meno warawa*, a criada que a acompanha e *oitaru omna/ouna*, a velha que a jovem encontra na casa em ruínas, onde vai dar à luz.

Considerando-se que *meno warawa* designa, muitas vezes, criadas ainda muito jovens (meninas), o que parece ser o presente caso, podemos dizer que as personagens em questão representam as várias fases da mulher: a infância (*meno warawa*), a juventude (*wakaki omna*) e a velhice (*toshi oitaru omna*).

*Meno warawa* é uma personagem encontrada em outras narrativas de *Konjaku Monogatari*, inclusive na narrativa anteriormente vista, 39/XXIX – *Sobre a cobra que, excitada ao ver as partes íntimas de uma mulher, sai da sua toca e acaba sendo morta*, na qual designa igualmente uma criada ou acompanhante de tenra idade, confirmada pela expressão *osanaki yatsunite* (tratando-se de uma criança).

Em histórias como 38/XXVII – *Sobre a raposa que transformada em mulher encontra-se com Harimano Yasutaka* e 41/XXVI – *Sobre a raposa do rio Kôya que, transformada em mulher, cavalgava na garupa dos cavalos* é interessante notar que a raposa toma a forma de uma mulher, mais precisamente de *meno warawa*.

No primeiro caso, o guarda palaciano Harimano Yasutaka depara-se com uma bela jovem, numa noite enluarada de outono. Ele desconfia tratar-se de uma raposa e finge, então, ser um assaltante e avança sobre ela empunhando uma espada. A jovem, assustada, solta uma urina de cheiro muito forte e imediatamente volta a ser uma raposa.

Na segunda narrativa, 41/XXVII – *Sobre a raposa do rio Kôya que, transformada em mulher, cavalgava na garupa dos cavalos*, a raposa, transformada em menina, pede carona na garupa dos cavalos, até que um dia é desmascarada e castigada.

O fato de a raposa transformar-se em *meno warawa* não deixa de ser significativo, se considerarmos que, ao ludibriar os homens com os seus truques, ela pratica, na realidade, travessuras, atos caracteristicamente infantis.

Embora não tenhamos esgotado a utilização de *meno warawa* em *Konjaku Monogatari*, esses exemplos valem como registro de seu uso relacionado com a fase infantil da mulher, ou seja, a fase em que a mulher ainda não é *wakaki omna* (mulher jovem) = mulher-sexo/mulher-procriadora, mas apenas mulher-criança, portanto incompleta, visto que consegue manifestar somente o seu lado infantil, e não é capaz de despertar a atração sexual nos homens ou gerar filhos.

Já no caso da jovem que se embrenha na mata para ter o filho por ser uma mãe solteira, conforme a expressão corrente, sendo *wakaki omna*, vai revelar o aspecto procriador da mulher, diferentemente das *wakaki omna* violadas pela cobra que apresentavam, principalmente, o lado sexual ou “fêmea” da mulher (ênfatizado, inclusive, pelo próprio ato sexual presente nas duas narrativas).

*Imawa mukashi aru tokoroni miyazukae shikeru wakaki omna arikeri. [...] saseru ootomo nakute kwainin shikeri.*

[...] – *Sutem – to omoitsuru komo ito itsukushigenaru onokogonite areba esutezushite chi uchinomasete fusetari.*

[...] *Kooba hitoni torasete yashinawasekeri.*

(Antigamente, havia uma jovem a serviço numa certa mansão. [...] e, embora não fosse casada, acabou engravidando.

[...] Como a criança que pensava abandonar era um gracioso menino, perdera a coragem de deixá-lo e, depois de amamentá-lo, pusera-o para dormir.

[...] A criança foi dada, para ser criada por outra pessoa.)

O trecho acima extraído da história da jovem mãe aponta-nos um fato interessante: pode-se dizer que a jovem não possui a consciência da maternidade, pois, embora adie por algum tempo a intenção inicial de abandonar a criança, acaba entregando-a para ser criada por outras pessoas. O que se enfoca aqui, portanto, é apenas a sua capacidade geradora, ou seja, a função de mulher-procriadora. Assim, não importa quem seja o pai, pois o seu papel limita-se à fecundação e torna-se nulo após isso. Depois de concebida, a criança depende unicamente da mãe para poder nascer. A função procriadora do homem termina no momento da concepção, ao contrário da mulher que concede o seu corpo para que a criança se desenvolva, tornando possível, assim, o seu nascimento. A maternidade pode ser considerada, neste caso, a maior prova da própria condição de ser *wakaki omna*.

Desse modo, conforme as narrativas apresentadas, a condição de ser *wakaki omna* ou mulher jovem encontra-se relacionada ao fato de a mulher ser capaz de despertar a atração sexual e, conseqüentemente, desempenhar o seu papel de mulher-sexo e/ou ser capaz de gerar filhos como mulher-procriadora.

### *A Decrepitude*

As histórias enfocadas sob o ponto de vista da decrepitude são as seguintes:

15/XXVII – *Sobre a jovem que deu à luz em Minami Yamashina e foi perseguida por um ogro.*

23/XXVII – *Sobre uma mãe idosa que se transforma em ogro e tenta devorar os filhos.*

Dois irmãos caçadores estavam na mata, quando a cabeça de um deles é agarrada por uma mão. O outro decepá o braço que agarrara o irmão e retornam para casa. Lá encontram a velha mãe, gemendo, e descobrem que o braço decepado pertence a ela que, transformada em ogro, seguira-os até a mata para devorá-los.

33/XXVII – *Sobre o homem que vê uma estranha luz sobre o Portal Ôten.*

Um homem sai durante a madrugada em busca de seu irmão bonzo, a pedido da mãe adoentada. No caminho, encontra uma estranha luz azul que solta gargalhadas e o manda flechá-la. Após retornar para casa, arde em febre e adoece.

18/XXIX – *Sobre o ladrão que vê cadáveres no Portal Raseimon.*

Um homem sobe na parte superior do Portal Raseimon<sup>5</sup>, onde cadáveres haviam sido abandonados<sup>6</sup>. No meio deles, ele descobre uma velha que arranca os fios de cabelo de uma jovem morta, sua ama, para fazer peruca. O homem toma-lhe os fios de cabelo e foge levando também as suas vestes e as da morta.

9/XXX – *Sobre o fato de abandonar a tia nas montanhas de Shinano.*

Um homem, pressionado pela esposa, abandona a velha tia nas montanhas, mas arrepende-se e vai buscá-la de volta.

1/XXXI – *Sobre a monja do templo Fujiodera de Higashi Yamashina que ergueu um novo santuário de Hachiman.*

Uma velha monja, fiel freqüentadora do santuário Hachiman, possuía muitas posses e resolveu, um dia, erguer uma sucursal do santuário, realizando inclusive o cerimonial tradicional no mesmo dia do santuário sede. Seu cerimonial começa a sobrepujar o da sede, razão pela qual o seu santuário acaba sendo desativado.

30/XXXI – *O governador de Owari, [ ], que enviou uma pessoa para Toribeno.*

Uma poetisa que depois de idosa é rejeitada por todos, inclusive pelo governador de Owari, um parente seu, não tendo onde morar, acaba indo para Toribeno, tradicionalmente um local de cremação de cadáveres.

5. Portal Raseimon, também conhecido como Portal Rashômon.

6. A profusão de cadáveres no Portal Raseimon explica-se pelo seguinte fato: assolada por uma série de desgraças consecutivas tais como terremoto, vendaval e fome, houve uma época em que, não havendo como se desfazer de tantos corpos, determinados pontos da capital Quioto transformaram-se em depósito de cadáveres.

31/XXXI – *Sobre uma velha que vendia peixe no acampamento dos seguranças.*

Uma velha vendedora vendia cobra como peixe seco para os seguranças do Palácio Imperial mas acaba sendo descoberta.

Conforme citamos anteriormente, existem em *Konjaku Monogatari* duas expressões para indicar a mulher idosa: *toshi oitaru*, literalmente “de idade avançada” e *ouna*, literalmente “velha”

Um primeiro fato que desperta a nossa atenção é que a expressão *toshi oitaru* qualifica normalmente as várias funções possíveis de ser desempenhadas pela mulher, tais como mãe, tia, monja, ao contrário da expressão *wakaki* que qualifica, praticamente todas as vezes que é utilizada, a palavra *omna*, “mulher”

Dentre as narrativas citadas, em somente duas delas se encontra o uso *toshi oitaru omna*:

15/XXVII – *Sobre a jovem que deu à luz em Minami Yamashina e foi perseguida por um ogro.*

[...] *yaridono aruo akuruo mireba oitaru omnano shiraga oitaru idekitari.*

([...] ao olhar para a porta corrediça que se abriga, apareceu uma mulher idosa de cabelos brancos.)

Ela é citada, porém, como *oitaru omna* apenas nesse trecho da narrativa, passando, posteriormente, a ser tratada como *ouna*. Esse emprego pode ser explicado levando-se em conta a sua repentina aparição. À primeira vista, parecia tratar-se de uma *oitaru omna*, “mulher idosa”, mas, depois, passa a ser *ouna*, “velha” e, no final, *oni*, “ogro”, questão sobre a qual abordaremos mais adiante.

18/XXIX – *Sobre o ladrão que vê cadáveres no Portal Raseimon.*

[...] *toshi imijiku oitaru, omnano shiraga shirokiga sono shininno makuragamini ite [...]*

([...] uma mulher extremamente idosa, de cabelos brancos, agachada na cabeceira desse cadáver [...])

Neste caso, a mulher é citada como *oitaru omna*, enquanto o ladrão não consegue vislumbrar claramente de quem se trata, por estar distante e num ambiente penumbroso. Quando consegue se aproximar e delinear melhor a figura da mulher, ela passa a ser citada como *ouna*.

Nas demais narrativas, encontramos:

*toshi oitaru haha*, “mãe idosa” (23/XXVII, 33/XXVII e 30/XXXI)

*toshi oitaru oba*, “tia idosa” (9/XXX)

*toshi oitaru ama*, “monja idosa” (1/XXXI e 30/XXXI)

*ouna*, “velha” (15/XXVII, 18/XXIX e 31/XXXI)

A mulher que enquanto jovem (*wakaki*) mantém uma relação mulher/homem (ou cobra como símbolo sexual masculino) com o sexo oposto, quando idosa (*toshi oitaru* ou *ouna*) passa a ter uma relação sexualmente nula de mãe/filho, tia/sobrinho, monja/Buda (religião), velha/velho.

Assim, *wakaki omna*, “mulher jovem”, não se torna *toshi oitaru omna*, “mulher idosa”, mas sim, *toshi oitaru haha*, *toshi oitaru oba*, *toshi oitaru ama* ou simplesmente, *ouna*. Ou seja, ela deixa de ser *omna*, “mulher”, para ser *haha*, “mãe”, *oba*, “tia”, *ama*, “monja” ou *ouna*, “velha”

Como nos referimos anteriormente, a mulher idosa é freqüentemente identificada com o ogro (*oni*), uma figura temida, normalmente relacionada com a antropofagia e o desconhecido.

Em 15/XXVII – *Sobre a jovem que deu à luz em Minami Yamashina e foi perseguida por um ogro* e 23/XXVII – *Sobre uma mãe idosa que se transforma em ogro e tenta devorar os filhos*, a identificação mulher/ogro aparece sob a forma de antropofagia.

*Ana umage. Tada hitokuchi*

(Ah, parece apetitosa! É uma bocada só!)

Estas são as palavras que a jovem da narrativa 15/XXVII pensa ouvir da mulher que a acolhera e foge apavorada com a certeza de estar diante de um ogro. Também com relação à mãe de 23/XXVII temos:

*Korewa hahaga itô oihokete onini narite koo kurawantote tsukite yamani yukitarikerunari.*

(Isto aconteceu porque a mãe, já extremamente senil, transformara-se em ogro e seguira os filhos até a mata, por querer devorá-los.)

Através dessas narrativas fica claro que a transformação ocorre nos dois sentidos, ou seja, tanto o ogro pode tomar a forma de uma mulher, assim como ela pode transformar-se em ogro, não havendo necessariamente, nesse último caso, uma transformação física. De qualquer forma, a identificação mulher idosa/ogro através da antropofagia parece ter relação com a questão da senilidade.

Ainda em 23/XXVII a decadência mental devido à idade (*oihokeru*) é considerada a causa da transformação em ogro. A decrepitude que se caracteriza pela decadência física e mental que leva muitas vezes as pessoas a terem um comportamento insólito ou a cometerem atos inimagináveis, é personificada pelo ogro.

A identificação mulher idosa/ogro em 18/XXIX – *Sobre o ladrão que vê cadáveres no Portal Raseimon* é colocada da seguinte maneira:

*Sono makuragamini hio tomoshite toshi imijiku oitaru ounano shiraga shirokiga sono shininno makuragamini ite shininno kamio kanaguri nukitoru narikeri.*

*Nusubito koreo miruni kokoromo eneba korewa moshi oniniya aram to omoite osoroshikeredomo moshi shininnitemozo aru. Odoshite kokoromim to omoite [...]*

(Com uma luz à cabeceira, uma mulher extremamente idosa de cabelos brancos, agachada à cabeceira desse cadáver, arrancava asperamente os cabelos da morta.

Ao ver isto, o ladrão, confuso, ficou amedrontado, pensando que se tratasse talvez de um ogro. Mas achando também que poderia ser um fantasma, tentou assustá-lo [...])

Como foi observado por Akiko Baba<sup>7</sup> em sua pesquisa sobre ogros, nota-se que os mortos não eram temidos como os ogros.

No trecho acima de *Konjaku Monogatari*, por exemplo, a figura da anciã é identificada com o ogro naquilo que ele tem de sinistro e apavorante. Sozinho, no meio de vários cadáveres, um estranho ser arranca os cabelos de um deles. Há apenas uma explicação para isso: trata-se de um fantasma ou de um ogro.

Desse modo, através da identificação com um ser abominável como o ogro, a mulher idosa passa a ser encarada de uma maneira negativa, constituindo, assim, uma figura marginalizada. E essa marginalização é representada em *Konjaku Monogatari* pelo isolamento físico.

A mulher de 15/XXVII mora numa casa abandonada, no meio da mata, num local ermo, distante do convívio humano, a mãe de 23/XXVII mora num compartimento à parte, ladeado pela casa dos filhos e a velha de 18/XXIX encontra-se sozinha entre os cadáveres, o que não deixa de ser um tipo de isolamento.

Cabe ressaltar que além desse isolamento relativo, ou seja, praticado no meio familiar, existe o isolamento absoluto ou o isolamento imposto e praticado pela sociedade.

9/XXX – *Sobre o fato de abandonar a tia nas montanhas de Shinano*, por exemplo, relata o episódio de um homem que abandona a velha tia numa montanha, mas arrepende-se e a traz novamente para casa.

A história em si serve para explicar a origem do nome da montanha, Obasuteyama, mais conhecido como Ubasuteyama, que literalmente tem o sentido de “montanha onde se abandona as anciãs”

O *ubasute* é um antigo costume que consistia em abandonar as pessoas idosas, consideradas inúteis para a sociedade, na montanha denominada Ubasuteyama, e deixá-las entregue à sorte, até que sobreviesse a morte.

30/XXXI – *Sobre o governador de Owari*, □□, que enviou uma pessoa para Toribeno relata o drama de uma mulher que, depois de idosa, é abandonada pela família e pelos amigos, e termina seus dias em Toribeno, local onde se cremava os mortos. Embora ela não seja enviada para Ubasuteyama, o local oficial de abandono, terminar em Toribeno possui o mesmo significado, já que se trata de um lugar destinado aos mortos.

Essas duas narrativas servem de exemplos que ilustram o isolamento a que as mulheres eram submetidas, devido ao fato de serem *toshi oitaru*.

Desse modo, a condição de *toshi oitaru*, ao contrário de *wakaki*, além de negar a condição de *omna*, na medida em que raramente a qualifica, torna-se também a marca da sua marginalização e do seu isolamento.

7. Kazuo Mabuchi *et alii*, *Konjaku Monogatari* 4, Tóquio, Shôgakukan, 1976, vol. 24, p. 385. (Nihon Koten Bungaku Zenshû).

Revedo, assim, a questão da juventude e da decrepitude, segundo a oposição *wakaki/toshi oitaru*, a principal constatação feita é a de que *wakaki* identifica-se com o fato de ser mulher (fêmea, mulher-sexo, mulher-procriação), enquanto *toshi oitaru* torna-se sinônimo da negação da mulher, indicando apenas os vários papéis que ela pode desempenhar no decorrer da sua vida.

Vimos anteriormente que a mulher idosa dificilmente aparece qualificada como *toshi oitaru omna*, “mulher idosa”, donde se depreende que, quando chega a decrepitude e a mulher deixa de ser mulher fisiologicamente, tornando-se incapaz de cumprir o seu papel de mulher-sexo/mulher-procriadora – considerando sexo e procriação como algo indissolúvel – ela passa a desempenhar a função, não *de* mulher, mas *da* mulher, ou seja a mãe, tia, monja, velha...

### Bibliografia

- ASAKURA, Naohiko *et alii*. *Shinwa Densetsu Jiten* (Dicionário de Mitologia e Lenda). Tóquio, Tôkyôdô, 1963.
- MABUCHI, Kazuo *et alii*. *Konjaku Monogatari 3*. Tóquio, Shôgakukan, 1974. (Nihon Koten Bungaku Zenshû 23).
- . *Konjaku Monogatari 4*. Tóquio, Shôgakukan, 1976. (Nihon Koten Bungaku Zenshû 24).
- MAYUZUMI, Hiromichi. “Kodai Zenkino Joseitachi” (“As Mulheres da Primeira Metade da Antigüidade”). *Kokubungaku* 24-4. Tóquio, Gakutôsha, 1979, pp. 10-13.
- MURAI, Yasuhiko. “Kageno Bubun’eno Shôsha – Ka’itanno Kataru Mono” (“A Irradiação para o Obscuro – O Significado das Narrativas Sobrenaturais”). *Kokubungaku* 29-9. Tóquio, Gakutôsha, 1984, pp. 71-74.
- SAKAMOTO, Tarô. *Fûzoku Jiten* (Dicionário de Costumes). Tóquio, Tôkyôdô, 1957.
- . *Nihonshi Shôjiten* (Pequeno Dicionário de História do Japão). Tóquio, Yamakawa, 1985.
- SANPEI, Kôko. *Nihonno Josei* (A Mulher Japonesa). Tóquio, Mainichi Shinbunsha, 1957.
- TAKAKUWA, Noriko. “Enchi Fumiko – Kikujidô” (“Fumiko Enchi – Kikujidô”). *Kokubungaku* 31-5. Tóquio, Gakutôsha, 1986, pp. 96-98.
- YONAWA, Keiko. “Kôno Taeko – Ichinenno Bokka” (“Taeko Kôno – Pastoral de um Ano”). *Kokubungaku* 31-5. Tóquio, Gakutôsha, 1986, pp. 108-110.
- YOSHIDA, Seiichi. “Nihonno Josei Bunka” (“A Cultura da Mulher Japonesa”). *Kokubungaku* 24-4. Tóquio, Gakutôsha, 1979, pp. 6-9.
- ZEN-KINDAI JOSEISHI KENKYÛKAI (Associação de Pesquisa da História da Mulher Pré-Moderna). *Kazokuto Joseino Rekishi – Kodai/Chûsei* (História da Família e da Mulher – Antigüidade/I-dade Média). Tóquio, Yoshikawa Kôbunkan, 1989.